

ROCCO, Maria Thereza Fraga. Crise na linguagem: a redação no **vestibular**. São Paulo, Mestre Jou, 1981. 284p. Originalmente apresentada como tese (doutorado) à Faculdade de Educação da USP.

Preocupada com o nível de desempenho verbal dos indivíduos de idades e graus de escolaridade diversos, a autora indaga sobre a existência de uma crise na linguagem e se propõe a estudá-la a partir de textos produzidos por vestibulandos da segunda fase de provas realizadas pela FUVEST em 1978. A amostra de 1.500 textos, obtidos aleatoriamente, cobre o percentual de 5% do total de 33.636 candidatos. Por se tratar de um tipo de análise nada fácil, as redações do vestibular talvez oferecessem um **corpus** representativo de uma população com menos diferenças e flutuações de contexto, dadas as mesmas condições de produção dos textos.

Nesta pesquisa, de natureza interdisciplinar, a autora pretende transitar por entre as propostas da lingüística, utilizando-se de algumas categorias de lógica, a fim de caracterizar a linguagem e o discurso dos vestibulandos em suas redações, estabelecendo algumas relações entre esses textos e o nível de estruturação mental de seus produtores. Por isso, não sendo uma pesquisa de lingüística estrito senso, o trabalho constitui uma análise lingüística que ultrapassa os limites da frase e se nutre de preocupação pedagógica na abordagem da competência discursiva dos egressos da escola de 1º e 2º graus. A reflexão sobre os níveis de aquisição e desempenho em língua materna dos vestibulandos foi desenvolvida pela autora em cinco partes, perfeitamente concatenadas, a saber:

I) **Conjecturas e indagações**, na qual se colocam as hipóteses fundamentais do trabalho; II) **Critérios em esboço**, em que se traça um roteiro de análise, levando em conta a revisão da literatura sobre a matéria; III) **O Jogo de Dados**, na qual são apresentadas, pela mediação de um **rigoroso** e adequado **tratamento** estatístico, informações sobre o candidato e seu **texto**; IV) **Exemplos nada exemplares**, onde se eviden-

ciam as ocorrências analisadas, através da própria expressão verbal dos vestibulandos, seguidas de comentários; e V) **Possíveis conclusões** que finalmente fecham o diagnóstico pretendido, com a confirmação das hipóteses básica e decorrente levantadas na primeira parte.

À hipótese inicial da existência de uma **crise na linguagem** seguem as hipóteses básica e decorrente, ou seja, a autora pretende primeiro caracterizar a linguagem dos vestibulandos, estabelecendo algumas relações entre os textos produzidos e o nível de estruturação mental de seus produtores e, em seguida, relacionar certas condições internas dos textos analisados com o contexto vital ou condições sociais de seus redatores (ambiente familiar, escolar, cultural, econômico). Mesmo não admitindo uma fórmula ou modelo do que deva ser um texto-padrão, um texto-perfeito, a autora busca, na análise lógico-lingüística, certos **critérios** para a caracterização dos textos dos candidatos à Universidade que teoricamente poderiam e deveriam criar textos coerentes, originais e mais elaborados. Para fundamentar esta suposição, baseou-se nos estudos de Jean Piaget que por seu alcance interdisciplinar também se preocupou em realçar as características do pensamento formal, hipotético-dedutivo, capaz de operações abstratas de segundo grau. Ora, os vestibulandos, em sua maioria jovens na faixa etária de 19 a 22 anos, deveriam, de acordo com esta hipótese, deixar transparecer em sua linguagem escrita elementos ou marcas indicativas daquele nível de estruturação mental.

A autora salienta que utilizou certas conclusões de Piaget apenas como subsídios, e não como critérios prontos para a elaboração de seu roteiro de análise. Um texto de nível formal **deveria estruturar-se** com as seguintes características: 1) não apenas ao nível do presente, do aqui e do agora; não apenas ao nível de uma realidade concreta e imediatamente apreensível; 2) sobretudo a partir da ação imaginativa e criadora, através de um satisfatório jogo entre o real e o possível; ou talvez, através do

jogo entre uma submissão do real concreto ao real possível; 3) a partir da ordem natural, factual dos eventos, desde que essa ordem não se superponha às necessidades da "ordem lógica" ou "pedagógica", por exigência da clareza; 4) com base numa "lógica das proposições", na qual se mostrem evidentes, entre as proposições, certos tipos de relação, tais como: relações causais, relações temporais e outras relações lógicas diversas; 5) a partir do princípio de não-contradição entre as partes enunciadas; 6) também a partir do estabelecimento das relações já anteriormente referidas, as quais, por sua vez, tornam-se explícitas pelo uso semântico adequado de conectivos; 7) com base na apresentação de razões completas, enunciadas sobre as relações presentes entre proposições; 8) enquanto narrativas (ou enquanto outro tipo discursivo), a partir de interligados e contínuos movimentos de sínteses-análises e vice-versa, bem como a partir de hipóteses e deduções, evitando assim a pura justaposição ou a explicação simplista; 9) como um todo coerente, e não como um amontoado de fragmentos resultantes do estilhaçamento desse todo; e 10) finalmente, a partir da presença de certas características mais gerais do pensamento formal e que traduziriam uma lógica inteligente, comunicável através da linguagem.

Na análise textual, secundada pela revisão da literatura atual como passo necessário à formulação do conceito chave de coesão/coerência, a autora parte de uma idéia de texto-discurso como um todo semanticamente organizado, produto integral, exercício da expressão verbal, que articula texto e contexto situacional. Haqira Osakabe, em sua obra "Argumentação e Discurso Político" (São Paulo, Kairós, 1979), forneceu verdadeira retrospectiva da análise do discurso. A autora, porém, deteve-se principalmente nos trabalhos de Hjelmslev, Benveniste, Halliday, Peytard e Charolles. Todos, trilhando os caminhos e descaminhos da pesquisa lingüística, buscaram uma "Gramática do texto" e tentaram passar de uma lingüística da frase para uma lingüística do discurso, propondo, através de questionamentos, o delineamento da noção de coerência e competência textual. A preocupação da autora se alinha na direção traçada por esses precursores de uma "Gramática do texto" apesar de nada estar ainda assentado de modo definitivo, pois muitas conclusões, neste terreno movediço e difícil, são de caráter provisório. Os

J

critérios que seguem, embora não sejam as únicas formas, foram para a autora as mais adequadas para medir a capacidade de os vestibulandos produzirem um texto coerente, revelando-se através de elementos internos básicos, de traços lingüísticos específicos, de marcas discursivas. Estes critérios levam em conta, no estudo do texto, tanto o plano frásico e interfrásico, como o plano do discurso como um todo e o da significação subjacente numa tipologia discursiva. Todos esses planos estão interrelacionados e funcionam de modo complementar.

Crítérios: 1. Coesão no texto como um todo é inexistente quando se denota a presença de: a) relações discordantes pelo uso indevido do conectivo; b) contradição lógica evidente; c) relações impróprias, dificultando até mesmo a paráfrase; d) relações ilógicas por nonsense; e) relações redundantes ou circulares; 2. Clichês e frases feitas (estereótipos lingüísticos): uso banal, excessivo e repetitivo de expressões já vazias de significação. Indicam a percepção uniforme do mundo e da realidade; 3. Presença de linguagem original e criativa, verificada através de achados formais, surpresa e/ou suspense, é a antítese do clichê, da frase feita; 4. Correspondência (ou não) entre o tema proposto e o texto criado: a) ausência total de correspondência; b) ausência parcial de correspondência, trechos pré-fabricados; c) ausência parcial, desenvolvimento impróprio, e/ou não desenvolvimento de elementos propostos; d) ausência parcial, desenvolvimento impróprio e trechos pré-fabricados; 5. Tipos de discursos predominantes (tipologia com finalidade didática): a) narração; b) descrição; c) dissertação; d) discurso não definido.

Por que "Jogo de Dados"? A autora responde, justificando sua postura científica: "Por se tratar de linguagem verbal, produção de texto escrito, torna-se extremamente necessário trabalhar com números e percentuais, sobretudo quando a amostra escolhida é de 1.500 textos, como neste caso. Porém, ao mesmo tempo, tal trabalho pode tornar-se altamente perigoso, na medida em que, diante de um ou outro índice que nos pareça significativamente alto ou baixo, não nos posicionarmos como críticos e analistas da natureza do fenômeno da criação lingüística que por si só é flutuante e, às vezes, incaptável. Assim, cairmos em blefe ou nos tornarmos vítimas de uma ilusão percentual é o que de

mais fácil pode ocorrer, se o fenômeno de linguagem, sobretudo no caso em questão, não for, antes de qualquer outra coisa, objeto de reflexão profunda".

Assim, sem a pretensão de obter um modelo estático e perfeito de análise, pela criação de um discurso padrão, a autora buscou um grau de fidedignidade satisfatório de seus critérios de análise através de um novo enfoque da função auxiliar da estatística, aplicada a um "trabalho cuja essência não estava, fundamentalmente, só em números, percentuais, cruzamentos e respectivas distribuições, ainda que esses mesmos elementos fossem da mais alta importância na racionalização e avaliação do presente trabalho".

As tabelas, com respectivos comentários, fornecem: dados gerais relativos aos candidatos; dados gerais relativos ao texto, ou sejam, as ocorrências segundo os critérios traçados na parte II; relações específicas ou cruzamento entre as características do candidato e outras de seu texto e in ter textos. Também são apresentadas as circunstâncias em que aparecem a linguagem criativa e pistas para a caracterização de textos sem problemas, duas categorias bastantes seletas em meio à grande maioria de textos ruins. Por fim, são analisados a influência do estabelecimento de ensino (público x particular) e o papel dos cursinhos na produção dos textos dos vestibulandos. As conclusões desta análise encontram-se na parte V, podendo ser antecipadas nesta constatação da autora: "No que respeita à redação, a maioria dos candidatos aos vestibulares encontra-se muito aquém do que, pelo menos teoricamente, espera-se deles. O baixo nível de desempenho verbal, a incapacidade de, muitas vezes, estabelecer correlações lógicas elementares são uma constante nos textos estudados. Diferenças entre variáveis como: sexo, idade, natureza do curso feito e do estabelecimento freqüentado só se fizeram notar quando do estudo de certos casos especiais, representados por um grupo muito seletivo da amostra. Na verdade, poucos, pouquíssimos erram também pouco. Na verdade, os bons textos aparecem como uma exceção muito grande à regra geral. O grande grupo, a maioria das redações, inscreve-se, portanto, na galeria dos textos mal estruturados, inadequados e altamente insatisfatórios".

Em Aberto, Brasília, ano 2, n. 12, janeiro 1983

Os Exemplos nada exemplares se distribuem segundo o roteiro de critérios previamente estabelecidos e analisados anteriormente: ausência de coerência, clichês, falta de correspondência entre o tema proposto e o texto criado, tipologia com ênfase no discurso indefinido (não-texto), exceções nem sempre excepcionais. Sobre o primeiro bloco — ausência de coerência — sentenciamos a autora: "Refletindo sobre as estruturas de pensamento que teoricamente os indivíduos produtores de tais trechos devem ter desenvolvido, temos que convir: algo de estranho está ocorrendo. E por que razão? Mesmo supondo que tais pessoas não tenham ainda atingido o nível de pensamento formal, abstrato, cuja característica principal é a presença de uma reflexão de segundo grau, ou seja, de reflexões sobre reflexões; mesmo supondo que permaneçam a nível de pensamento concreto, mesmo assim, não podemos admitir, nem a esse nível, que o pensamento deixe de ser lógico. Falo, evidentemente, de uma lógica de primeiro grau, de uma lógica de evidências facilmente detectáveis. Ora, o que se verifica nos textos transcritos situa-se além do ilógico, posto que se configura em total ausência de domínio de linguagem, ou seja, ausência dessa capacidade inata, como acharia Chomsky, através da qual, utilizando-se da linguagem, um indivíduo possa expressar-se em sua língua materna, de modo a exprimir uma relação provida de gramaticidade, uma relação coerente, como entendendo".

Não são menos contundentes os comentários sobre os outros blocos de exemplos que confirmam abundantemente o estado de crise da linguagem, quando indivíduos mostram-se incapazes de "criar e expressar em discurso seu, próprio, a respeito de qualquer coisa".

As conclusões ou os achados da pesquisa — que levou em conta, como hipótese básica, as profundas relações existentes entre pensamento e linguagem (Piaget) e a viabilidade de uma avaliação do nível de estruturação mental dos vestibulandos através de marcas e índices lingüísticos encontrados nas redações — confirmam, segundo a autora, o estado de crise da linguagem escrita. Ela também constata: "Dentre os 1.500 textos analisados, apenas 156 redações, correspondentes aos chamados textos em problemas (116 casos = 7,7%) e textos com presença de lin-

guagem criativa (40 casos = 2,7%) não apresentaram os defeitos (um, alguns ou todos) apontados nos Critérios em Esboço. Vê-se, portanto, que apenas pouco mais de 10%, mais precisamente, apenas 10,4% foge à regra dos textos problemáticos. Mesmo com relação a esses 116 casos (7,7% da amostra), dentre os considerados sem problemas, temos que fazer uma ressalva: muitas vezes a redação, embora não apresente as falhas elencadas nos critérios, nem por isso mostra-se criativa, original e portadora de trecho atraente, conforme foi possível observar, a partir da ilustração dos "Exemplos nada exemplares". "Quanto à chamada hipótese decorrente — continua a autora — por mim levantada, segundo a qual, certas variáveis específicas relativas aos candidatos, tais que: sexo, idade, natureza do estabelecimento e curso freqüentados, nível de escolaridade dos pais, freqüência ou não a cursinhos, entre outras, poderiam eventualmente influenciar (positiva ou negativamente) a produção textual do indivíduo, tal hipótese só se mostrou aceitável (e não inteiramente) no que se refere a essa porção muito seleta, dentro do total da amostra". E adiante, conclui: "Portanto, para a amostra, em sua quase totalidade (excetuados, bem entendido, os dois itens a que já me referi) a hipótese de que o tipo de estabelecimento, a freqüência ou não a cursinhos, bem como outras características poderiam determinar melhor ou pior performance na produção de textos, foi rejeitada. A grande maioria, não importando o nível econômico, o tipo de estabelecimento freqüentado, a freqüência ou não a cursinhos, produz textos de qualidade sofrível, quando não péssima".

Feitas estas colocações, a autora passa a resumir as características da linguagem dos vestibulandos, classificando-os em três grupos de textos, desde aqueles que revelam uma presença marcada e marcante do eucen-

trismo até os que reproduzem um discurso prêt-à-porter, chegando outros às raias do nonsense. Neste grupo de textos com discurso indefinido, a linguagem se fragmenta e rompem-se as relações frásticas e interfrásticas, refletindo-se a inviabilidade da composição de um todo provido desemanticidade. Constata, finalmente, "que a grande maioria dos candidatos à universidade apresenta, pelo menos momentaneamente, um atraso quanto à idade mental em que teoricamente deveriam se encontrar. A linguagem por eles apresentada, quando não enfocada sob os dois extremos a que acabo de me referir, corresponde muito mais àquela expressão própria de crianças (nem mesmo de adolescentes) de 9-12 anos, cujo nível de pensamento, ainda que lógico, prende-se ao universo concreto, do que àquela verbalização esperada da parte de indivíduos, em sua maioria, com idades situadas entre 19-22 anos, com níveis de escolaridade supostamente razoáveis e que, além de tudo, pretendem ingressar em cursos superiores, submetendo-se para tanto a provas (como a de redação) cujas exigências foram aqui suficientemente discutidas, creio".

A autora se posiciona ainda diante desta crise, defasagem ou atrofia momentâneas, vendo na "proposta dos lingüistas de uma Gramática do Texto, do Discurso, a possibilidade de, ao nível de ensino, se começar um trabalho prático sobre aquisição e níveis de linguagem entre estudantes". E prossegue com uma série de reflexões sobre as possíveis causas dessa crise na linguagem, enfatizando algumas características culturais da realidade em que vivemos ("tudo já feito, pronto, pré-fabricado, imposto"), na qual se inserem a escola e a universidade que têm "condições de romper o círculo vicioso da cultura prêt-à-porter e lançar as sementes de um trabalho que se caracterize pela originalidade".